



SOMOS TODOS AMARILDO: O DISCURSO JORNALÍSTICO DO DIÁRIO CATARINENSE E DA GAZETA DA OCUPAÇÃO¹

Bianca Queda Costa²

Giovanna Benedetto Flores³

***Resumo:** A Ocupação Amarildo de Souza começou na madrugada do dia 16 de dezembro de 2013. Pelo seu caráter inusitado, foi considerada a primeira invasão rural-urbana de Santa Catarina, o que levou a grande mídia a olhar para esse movimento. Este artigo tem por proposta pensar como a Ocupação Amarildo de Souza foi construída pelo Jornal Diário Catarinense e pela Gazeta do Amarildo. Estaremos analisando discursivamente os dois jornais e como se deu o processo de significação da reforma agrária dentro do movimento.*

***Palavras-chave:** discurso jornalístico, Ocupação Amarildo de Souza, reforma agrária*

SOBRE A OCUPAÇÃO

Na madrugada do dia 16 de dezembro de 2013 um grupo de manifestantes, com cerca de 50 pessoas entre adultos e crianças, acamparam em um terreno, no bairro Vargem policiais envolvidos no desaparecimento de Amarildo. O caso tornou-se símbolo para protestos contra abuso de autoridade e violência policial. Na Capital catarinense, Amarildo de Souza é o nome que impulsiona o movimento com o lema “Somos todos Amarildo”.

Após três meses de acampamento, em Florianópolis, no dia 16 de março de 2014, conforme um cadastro feito no local pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária, descobriu-se que o movimento contava com presença de 725 famílias que reivindicam não somente moradia, mas o uso coletivo do solo. A disputa seria então por “terra, trabalho e teto”. Segundo o professor de história da UFSC, Paulo Pinheiro Machado, em entrevista ao Diário Catarinense, o problema que se agrava na Ocupação “refere-se à moradia, a alta dos preços dos imóveis. A ocupação Amarildo é formada por uma população vinda do campo, que atualmente vive com empregos urbanos, sobretudo na construção civil, e que demanda moradia, mas também combina elementos agrários”.

¹ Monografia defendida em 2014, no curso de Jornalismo da Unisul, em Santa Catarina.

² Bacharel em Jornalismo, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, na Unisul/SC

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Jornalista (Unisinos/RS) Mestre em Ciências da Linguagem (Unisul/SC) e Doutora em Linguística (Unicamp/SP). Integrante dos grupos de pesquisas (CNPq) Discurso, Cultura e Mídia e em Produção e Divulgação do Conhecimento. gbflores@gmail.com



No dia 7 de fevereiro de 2014 aconteceu a audiência conciliatória no Fórum Desembargador Eduardo Luz, no Centro da Capital. Na reunião participaram: o juiz agrário Jefferson Zanini; o líder do movimento Rui Fernando; o advogado do proprietário do terreno, Camilo Simões Filho e o ouvidor agrário, Fernando de Souza; nela foi decidido que a Ocupação Amarildo deveria deixar o local até dia 15 de abril, decisão final sobre o assunto.

Pequena, às margens da SC-401, em Florianópolis¹. O objetivo do movimento era denunciar o descumprimento do direito constitucional à moradia, conforme entrevista de Rui Fernando da Silva, porta-voz da Ocupação, ao Diário Catarinense².

O acampamento, formado inicialmente por aproximadamente 40 famílias, teve sua identidade estabelecida como Ocupação Amarildo de Souza. O nome foi dado em homenagem ao Amarildo Dias de Souza, ajudante de pedreiro, conhecido nacionalmente por seu desaparecimento. No dia 14 de julho de 2013, Amarildo foi detido por policiais militares e conduzido da porta de casa, na Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, até a sede da Unidade de Polícia Pacificadora e após essa data ninguém mais o viu. No dia 04 de outubro de 2013 a Justiça decretou a prisão preventiva dos dez

A OCUPAÇÃO COMO NOTÍCIA

A ocupação Amarildo foi considerada a primeira invasão rural-urbana de Santa Catarina. Nunca houve registros de reivindicações de reforma agrária dentro de uma área urbana no Estado. Esse fato faz com que Ocupação tenha um caráter inusitado e comece a ser retratada pelos jornais impressos como notícia.

Traquina (2008), fundamentado nos estudos do teórico Mauro Wolf, realiza uma análise acadêmica sobre os valores-notícia. Assim como Wolf, Traquina faz a distinção entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Valores-notícia de seleção consistem “na decisão de escolher um acontecimento como candidato a sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento” (TRAQUINA, 2008, p. 78). Já os valores-notícia de construção “funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário.” (TRAQUINA, 2008, p. 78).

Para Traquina (2008, p. 78) há dois subgrupos nos quais os valores-notícias de seleção estão divididos: critérios substantivos e critérios contextuais. Os critérios substantivos são as características que um fato deve apresentar para ser ou não notícia. São elas conforme Traquina (2008, p. 80-85), a morte, a notoriedade “nome e posição da pessoa influenciam para ser notícia”; a proximidade “sobre tudo em termos geográficos, mas também culturais”, a relevância “acontecimentos que têm impacto na vida das pessoas” (TRAQUINA, 2008, p. 80), a novidade; o tempo; a notabilidade

1. Diário Catarinense. Grupo invade área no Norte da Ilha. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 dez. 2013. Geral, p. 28.

2 DA SILVA, Rui Fernando. Grupo invade área no Norte da Ilha. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 dez. 2013. Geral, p. 28



“cobertura de acontecimentos e não de problemáticas” o inesperado “subverte a rotina e provoca um caos na sala de redação” o conflito/controvérsia que são “ruptura fundamental na ordem social” e a infração, a “violação, transgressão de regras”.

Não somente pela novidade, que Traquina (2008) considera um conceito fundamental para o jornalismo, pois “o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (TRAQUINA, 2008, p. 81), mas a Ocupação tem outras características pertencentes aos valores-notícia: a proximidade - localização geográfica na Capital de Santa Catarina faz com que os jornais locais de Florianópolis noticiem; a relevância – um acampamento localizado no norte da ilha de Florianópolis, uma das regiões mais valorizadas pela especulação imobiliária do Estado causa impacto na vida das pessoas e o conflito- pois a reivindicação da melhor distribuição de terras é uma ruptura na ordem social. Assim, os critérios substantivos apresentados por Traquina (2008) evidenciam o fato da Ocupação Amarildo de Souza começar a ser veiculada como notícia nos jornais da capital.

SOBRE OS JORNAIS O DIÁRIO CATARINENSE

No dia 5 de maio de 1986, o primeiro exemplar do jornal Diário Catarinense chegava às bancas de Santa Catarina. Inaugurado pelo Grupo RBS, foi o último projeto idealizado pelo fundador do Grupo, Maurício Sirotsky Sobrinho. O jornal impresso foi implantado exatamente sete anos depois da RBS ter instalado o primeiro canal de TV no estado catarinense. (PAULINO; OLIVEIRA, 2013, p. 5)

A tentativa era repetir o sucesso alcançado pelo jornal Zero Hora no Rio Grande do Sul. Com formato tablóide, já no primeiro ano aparecia como o quinto maior jornal do país, com uma tiragem diária de 150 mil exemplares. (PAULINO; OLIVEIRA, 2013, p. 8). Assim o DC teve sua a redação montada toda informatizada, sendo a primeira do gênero no país, o que levou o jornal a receber, no ano de 1987, o prêmio ESSO de jornalismo na categoria de melhor contribuição à imprensa.¹

No momento em que a Rede Brasil Sul inaugurou o DC, o Grupo já estava homogeneizado no Estado com a RBSTV nas principais cidades: Florianópolis, Blumenau, Joinville e Chapecó. Assim como havia a Rádio Atlântida em Florianópolis, Blumenau, Chapecó e a Itapema FM e a Rádio Diário da Manhã em Florianópolis. O DC então nasceu dentro de um grupo que detinha a maioria dos meios de comunicação de Santa Catarina. A estratégia era promover a integração do Estado pelos veículos de comunicação do grupo.

Ao longo dos anos, a RBS teve uma expansão ainda mais significativa. Em 2002, dominava a comunicação em dois Estados do Sul configurando uma forte propriedade cruzada. De Lima (2004, p. 101) explica essa propriedade cruzada: “trata-se da propriedade, pelo mesmo grupo, de diferentes tipos de mídia do setor de comunicações.

1 Diário Catarinense. Diário Catarinense completa 25 anos e inicia agenda de comemorações.. Diário Catarinense, Florianópolis. Disponível em: <http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2011/05/03/diario-catarinense-completa-25-anos-e-inicia-agenda-de-comemoracoes/>. Acessado em 2 set 2014.



Por exemplo: TV aberta, TV por assinatura, rádio, jornais, revistas (...)”. A RBS apresenta-se como “a maior rede regional de TV do país com 18 emissoras distribuídas no RS e em SC, com 85% da programação da Rede Globo e 15% voltada ao público local” (RBSTV, 2012)¹. Além disso, possui ainda: vinte e quatro emissoras de rádio, oito jornais diários, quatro portais na internet, uma editora (RBS Publicações), uma gráfica (Mídia Gráfica), uma gravadora (Orbeat Music), uma empresa de marketing e relacionamento com o público jovem (Kzuka) e uma Fundação de Responsabilidade Social (Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho).

GUARESCHI e BIZ (2009, p. 71) explicam que no Brasil existe um “loteamento” da mídia, rádio e televisão, entre algumas famílias privilegiadas. Esse loteamento estaria fazendo analogia ao começo da história do Brasil, em que o território foi loteado em capitâneas e doado a determinadas famílias. Os meios de comunicação são todos apoderados por um pequeno grupo, como no caso da RBS, e eles determinam o que se pode ter acesso ou não. Segundo os autores (2009, p. 57), a presença dessas corporações facilita a transmissão de uma “mesma imagem, um mesmo e único som e, principalmente, impossibilita a pluralidade de informações”. Assim todo o conteúdo jornalístico é produzido sob a ótica de um só olhar.

A GAZETA DA OCUPAÇÃO AMARILDO

No dia 1 de fevereiro de 2014, a primeira edição da Gazeta da Ocupação Amarildo começou a circular no Terminal de Integração Centro - Ticen em Florianópolis. Foram cinco mil exemplares distribuídos naquela primeira semana do mês de fevereiro. O jornal veio a pedido dos coordenadores da Ocupação, representado na época por seis homens e seis mulheres.²

Dois dias após o início da ocupação, os militantes organizaram uma assembleia. Ali ficou decidido, por meio de um documento que os ocupantes chamaram de Manifesto do Povo Organizado, que era de extrema importância a confecção de um material impresso sobre a Ocupação. O objetivo era mostrar a versão dos fatos de dentro do movimento para a sociedade.³

O responsável pela elaboração desse jornal foi Rui Fernando da Silva Neto, filho de Rui Fernando da Silva, o porta-voz da ocupação. Rui Neto, formado em jornalismo, foi responsável por escrever, editar, redigir e diagramar todo o conteúdo jornalístico da primeira gazeta. Apenas a elaboração e edição de imagens ficou ao cargo de Pepe Pereira dos Santos, também militante e assessor de imprensa do SindSaúde Santa Catarina com Rui Fernando Neto.

¹ RBS TV. História da RBS TV. Disponível em:

<<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2011/12/historia.html>>. Acesso em: dia 03 set 2014.

² A coordenação da Ocupação Amarildo é estabelecida através do sistema de núcleo. A cada 10 famílias presentes no acampamento forma-se um núcleo representado por um homem e uma mulher.

³ NETO. Rui Fernando da Silva. Entrevista realizada para a aluna Bianca Queda da Unisul. Florianópolis, 23 de setembro de 2014.



As dificuldades para produzir o tabloide foram inúmeras, tendo os voluntários que conciliar a vida pessoal e profissional com a militância. Por isso, apenas uma semana antes de circular nas ruas o jornal foi confeccionado. O mais difícil, no entanto, foi a arrecadação de verbas para a impressão da gazeta. O comitê da solidariedade foi o responsável para esse trabalho. Instaurado desde a primeira assembleia da Ocupação, conseguiu juntar o valor necessário três dias antes do projeto ir à gráfica do Diário Catarinense.

A Gazeta superou as expectativas dos coordenadores que 23 dias depois, lançaram a segunda edição. Com tiragem dobrada, de 10 mil exemplares, a Gazeta foi confeccionada para a Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária, realizada anualmente no mês de abril. Neste ano os ocupantes fizeram em Florianópolis uma marcha intitulada “Roleção dos Amarildos”, na Avenida Beira-Mar Norte, com a participação de aproximadamente 300 pessoas.

A produção da segunda Gazeta funcionou quase no mesmo esquema da primeira, Rui Fernando Neto esteve no comando e Pepe Pereira auxiliando, a diferença foi que nesta eles contaram com a ajuda de também duas estudantes de jornalismo militantes da causa.

ANÁLISES DOS PROCESSOS DISCURSIVOS OS VINTE E TRÊS DIAS DE SILENCIAMENTO

Um grupo de manifestantes ocupou um terreno na Vargem Pequena, às margens da SC-401, em Florianópolis, na madrugada de ontem. De manhã cerca de 50 pessoas entre adultos e crianças estavam acampadas no local. (Diário Catarinense, 2013, p. 28)

O trecho acima é o lead da primeira matéria que saiu no jornal Diário Catarinense sobre a Ocupação Amarildo, no dia 17 de dezembro de 2013, um dia após a ocupação. Medina (1988, p. 118) conceitua o lead como um apelo para chamar a atenção dos leitores, “o primeiro parágrafo da notícia, cabeça ou lançamento da matéria”. A notícia saiu na editoria Geral. Segundo Medina (1988, p. 25), “a informação é classificada em setores expressos pela divisão tradicional do próprio jornal.”

Na Análise do Discurso, Mariani (1998) conceitua esse discurso jornalístico como sendo um discurso sobre (MARIANI, 1998,), resultado do papel dos interlocutores no processo discursivo, na leitura e na interpretação.

Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no feito de linearidade e homogeneidade da memória. Os discursos sobre são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de (“discurso de origem”), situam-se entre este o interlocutor, qualquer que seja. (MARIANI, 1998, p. 60-61).

Do ponto de vista da autora, o discurso jornalístico então em sua forma de reportagem, funcionaria como um discurso sobre, pois coloca o mundo como objetivo. Ainda na perspectiva de Mariani (1998), a imprensa tenta retratar o “mundo” para os leitores. “(...) o discurso jornalístico tem como característica atuar na institucionalização



social de sentidos. (...) contribui na constituição do imaginário social, cristalização da memória do passo, bem como na construção da memória do futuro (MARIANI, 1998, p. 61). No caso específico dessa primeira matéria sobre a ocupação, o discurso jornalístico apagou a voz dos ocupantes. Com uma matéria relatando apenas os fatos, sem aprofundamento, os sentidos do jornal foram os que ficaram dominantes, ou seja os sentidos de ilegalidade da ocupação.

A ocupação Amarildo volta a ser pauta apenas no dia 9 de janeiro de 2014. Quando o colunista Rafael Martini na coluna Visor escreveu uma nota com o título “Tensão”, que relatava:

O clima é de tenso no acampamento de famílias que ocupam há mais de 20 dias uma área às margens da SC-401, na Vargem Pequena, em Florianópolis. Os integrantes dizem que sofreram dois ataques. O último teria sido na manhã de ontem, quando uma bomba caseira foi lançada perto de uma barraca, não atingindo ninguém. O outro aconteceu nesta segunda-feira, quando tiros foram disparados numa placa de trânsito próxima. (MARTINI, 09 de janeiro 2014, p. 4)

Houve um silenciamento sobre a ocupação por parte do jornal nesses vinte e três dias. Medina (1988, p. 71) explica esse quadro pelo viés de que “as notícias predominam no dia-a-dia, carregadas da dupla função de informar/distrair.” Outras notícias foram publicadas nesse período de final de ano para distrair os leitores e esse caso ficou esquecido. Afinal, o período natalino e a virada no ano são datas festivas em que não interessa falar de ocupação. Segundo a autora, algumas notícias “procuram atingir um nível de massa dos leitores, daí a ênfase em informações sonho/realidade – matérias ditas amenas.”

Discursivamente, podemos pensar a falta de reportagem sobre a ocupação como silenciamento. Orlandi (2007) explica que o silêncio pode ser de várias formas.

[...] o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura). (ORLANDI, 2007, p. 24)

O silêncio do Diário Catarinense sobre a Ocupação Amarildo pode ser entendido como o silêncio local, conceituado por Orlandi (2007). Aos jornalistas coube não dizer sobre a ocupação, pois naquela determinada conjuntura não permitia. Após esses vinte e três dias, a nota na coluna de opinião traz as informações apenas com o recorte que interessa.

O espaço destinado às colunas dentro do jornal possibilita esse recorte. Sendo as colunas informações curtas, não necessariamente noticiosas, publicadas regularmente, elas trazem apenas as observações do próprio colunista e representam a opinião do jornal. O espaço predeterminado da coluna Visor é nas primeiras páginas do jornal, logo após o editorial. Segundo o Clic RBS, a coluna de Rafael Martins pautada pela política “é um mosaico de informações com foco em Santa Catarina, mas sempre atento ao que



acontece no país e no mundo. Com um olhar bem humorado, a coluna é publicada diariamente nas páginas dois e três do Diário Catarinense.”. Caracterizando assim que a opinião ou ponto de vista do colunista é o mesmo do jornal.

Portanto, a coluna não trabalha as informações, apenas como o que “pode interessar” para o jornal. Isso produz um efeito de verdade, recortando a notícia somente na parte que interessa.

O EFEITO DE DEBOCHE NA COLUNA POLÍTICA

Amarildo é chique: Através da placa de um dos vários veículos estacionados no acampamento armado da SC-401, batizada de ocupação Amarildo, a polícia já sabe que o dono do automóvel mora em... Jurerê. (Martini, 24 de janeiro de 2014, p. 3)

Com o título, “Amarildo é chique”, o colunista Rafael Martini buscou demonstrar através da sátira uma crítica à ocupação. No caso desta nota ao dizer que Amarildo, nome que impulsiona o movimento, é chique, o colunista está remetendo à questão da burguesia. Há um atravessamento discursivo quando a formação discursiva de sem-teto e operários é atravessada pela formação discursiva do que está na moda, ligando diretamente o chique à classe alta economicamente.

Ou seja, para o colunista, quem mora no acampamento pertence às FDs dos sem tetos, e não é possível ter no acampamento algum ocupante cujo proprietário do veículo resida em um dos bairros mais caros da Capital catarinense. Portanto, usando da ironia/sátira o colunista marca a contradição no discurso dos Amarildos.

Segundo Flores (2011) a sátira teria sua origem na satura, gênero poético latino, desaparecido no século II a.C. Deste modo, com o passar do tempo, a “sátira tornou-se uma composição de diversos temas, na forma de prosa e verso. Na poesia, faz crítica sarcástica e mordaz aos costumes sociais, possuindo como objetivo provocar ou evitar uma mudança política, social ou moral.” (FLORES, 2011, p. 111).

Com a sátira o verdadeiro foco sobre a Ocupação que são as reivindicações como: terra, trabalho e teto, a Reforma Agrária é desviado. Mariani (1998, p. 97) explica que “o discurso jornalístico, em uma discursivização do cotidiano que se apaga para o leitor para o próprio sujeito que enuncia da posição ‘jornalística’- que os mecanismos de poder vão tanto distribuindo os espaços dos dizeres possíveis como silenciando, localmente, o que não pode e não deve ser dito.” (MARIANI, 1998, p. 96-97).

O discurso sobre retorna novamente neste ponto com uma “natureza institucional” como conceitua a autora. Assim, o recorte feito dentro das notas de Rafael Martini, é interessado somente à instituição. O discurso está colado diretamente no discurso do jornal, que é o discurso capitalista. Havendo uma seleção do que pode e não deve ser dito.

O que constitui uma propriedade do discurso jornalístico então? É a submissão ao jogo de relações de poder vigentes, é sua adequação ao imaginário do ocidental de liberdade e bons costumes. É, também, o efeito de literalidade decorrente da ilusão da informatividade. Estas propriedades, no nosso entender estão no cerne da produção jornalística: são aspectos invariantes de qualquer jornal de referência. (MARIANI, 1998, p. 64) (...) os grupos sociais minoritários criam seus próprios jornais como forma de escapar desses gestos interpretativos já marcados por um interdiscurso. (MARIANI, 1998, p. 64-65).



O Diário Catarinense como qualquer jornal de referência, traz essa submissão aos jogos de poder vigentes através dessa ilusão da “informatividade”. Ainda que a produção dos textos não tenha a função de serem necessariamente noticiosos, mantém o caráter jornalístico de informações ou observações do cotidiano em notas, produzindo apenas o discurso sobre.

Ou seja, é por meio dos colunistas, que representam as posições dos veículos, dos donos da empresa jornalística, que o jornal DC vai mobilizando os sentidos sobre a Ocupação Amarildo. É por meio de sátira, da ironia que o jornal trabalha esses sentidos.

A SAÍDA DO DISCURSO SOBRE

(...) os grupos sociais minoritários criam seus próprios jornais como forma de escapar desses gestos interpretativos já marcados por um interdiscurso. (MARIANI, 1998, p. 64-65).

Para sair dessa retratação da grande mídia, a Ocupação Amarildo, aqui como um grupo social minoritário, criou seu próprio jornal como “forma de escapar desses gestos interpretativos” (MARIANI, 1998, p64). A Gazeta Amarildo narra as questões da Reforma Agrária sobre a ótica de como eles vivem dentro do Acampamento.

SD 1: Depois que rompemos as cercas pouco a pouco dezenas de famílias foram chegando à Ocupação Amarildo em busca de uma vida melhor, merecida e justa. Famílias brasileiras do povo Kaingang, que estão trabalhando na cidade também se juntaram a nós. Hoje somos 725 famílias, o caldo engrossou! (Gazeta da Ocupação, 01 de fevereiro 2014, p. 3).

SD 2: Na segunda-feira às 07:00, os companheiros e companheiras que possuem carros organizarem-se para levar as crianças alimentadas e com os documentos necessários para a escola nova. Este mutirão para garantir o transporte vai continuar até que todas as crianças recebem os passes escolares da prefeitura. (Gazeta da Ocupação, 26 de fevereiro 2014, p. 4).

SD 3: Com nossas ações fazemos deste um espaço melhor para milhares e milhares de vidas. Preservamos a natureza com a agricultura sem venenos, produzimos para comer, dar e vender (...) Lutar pelo direito à terra, trabalho e moradia é uma decisão que tomas todos os dias (Gazeta da Ocupação, 26 de fevereiro 2014, p. 3).

As informações da Gazeta servem para retratar o cotidiano dentro do acampamento, de uma maneira nada factual, ao contrário das notícias produzidas pelos grandes jornais que “predomina como notícia os “fatos da sociedade”, alguns escândalos políticos, e de vez, quando um ou outro crime.” (MEDINA, 1988, p. 52), como observamos nas manchetes do DC: Militantes de Esquerda Apoiam Invasão, 120 dos acampados recebem benefícios do governo e Crimes na ocupação. Retratam justamente os fatos, escândalos políticos e crimes. Mariani (1998) relata que na imprensa:



(...) o modo de denominar, descrever e narrar os eventos referentes aos partidos comunistas é regulado historicamente, resultado de uma memória institucional vinculada ao dizer jornalístico que ultrapassa a polêmica entre opinião/informação e a construção dos acontecimentos e não acontecimentos (MARIANI, 1998, p. 66).

As matérias divulgadas pelo DC traziam, na maioria das vezes, uma nova questão sobre os Amarildos, mas sem sair do discurso sobre, devido ao fato de que “a notícia empurra a opinião de grande parte do jornal; a necessidade de cada dia conseguir levantar um novo mar de novidades, (...) vai montar a manifestação-núcleo do jornal-notícia.”. (MEDINA, 1988, p. 53).

O recorte feito pelas matérias do DC constroem os acontecimentos pelo viés das teorias do jornalismo, ou seja, não noticiam outros acontecimentos, recortando – de modo objetivo – as atividades humanas pelo seu interesse econômico. Discursivamente, podemos pensar que “já se tem uma memória da própria instituição da imprensa, agindo na produção de notícias e conseqüentemente, no modo como o mundo é significado.” (MARIANI, 1998, p. 67). A autora entende que as instituições servem como um controle social “para modelar as práticas sociais existentes, embora, esta imposição nunca se processe de forma absoluta”. (MARIANI, 1998, p. 67). Desta maneira, a instituição imprensa modela as práticas sociais e devido a elas se estabelecerem visíveis através das práticas sociais e de circulação de seus produtos, que no caso do DC é o jornal impresso, elas são legitimadas.

[...] Observando a “comunicação referencial” por este ângulo, comunicar/informar/noticiar (na imprensa) são atos resultantes de um controle exterior, vindo do Estado e do sistema jurídico por um lado e, por outro, de um controle internalizado na própria atividade jornalística. (MARIANI, 1999, p. 53).

A atividade jornalística, exercida então na construção da Gazeta da Ocupação, constitui-se no jornal da ocupação trazendo matérias com caráter não noticioso, como já aqui conceituado a questão de notícia, para marcar de outra forma a escapar desses gestos interpretativos marcados pela formação discursiva dos jornais de referência, ou seja, a Gazeta da Ocupação funciona nos moldes do jornalismo alternativo, que surgiu nos anos 1960 no Brasil como “forma de resistência à tentativa de controle cultural empreendida pelos governos ditatoriais” (KLEIN, 2007, p. 1). O jornalismo alternativo seria as “práticas e experiências jornalísticas não alinhadas à chamada grande mídia (composta pelos setores tradicionais e predominantes da comunicação de massa) e desvinculadas de tendências, ideias ou grupos dominantes.” (SANTOS, 2013, p. 2). A Gazeta da Ocupação então assume esse caráter de alternativo quando “(...) se falar do poder é notícia, então a informação é de poucos. Sobra ao excluído o jornalismo alternativo.” (OLIVEIRA, 2010, p. 12).

Na primeira sequência discursiva, podemos analisar o índio no Brasil como sendo parte de grupos minoritários que não tem voz no país. Quando “[...] famílias brasileiras do povo kaingang, que estão trabalhando na cidade também se juntaram a nós”, o enunciado marca o reconhecimento do índio como brasileiro, evidenciando que essa família também é brasileira. Pois, na história do Brasil o índio é sempre estrangeiro, não há o reconhecimento do índio como brasileiro.



A segunda e a terceira sequência discursiva representam a marca do MST, quando demarcam o cuidado e a luta pela terra. Esses enunciados estabelecem relações interdiscursivas com o discurso do movimento MST. O discurso de Reforma Agrária teria muita importância para o MST, pois é a razão da existência do movimento. Segundo Indursky (1999), o sentido de Reforma Agrária é possível aos estudos sobre o MST, por atribuir outro sentido de terra, a terra como função social. Lutar pelo direito à terra, ao trabalho e à moradia é a base do discurso de Reforma Agrária. A terra como um meio de luta seria então o que marca os agricultores sem terra como um movimento. Querer terra para trabalhar é uma questão de luta histórica, surgida no início do século XX pelos camponeses, o direito a terra seria então uma causa daqueles que lidam diretamente com a terra, essa luta marcaria o lugar de enunciação dos sujeitos e o momento histórico-social a que estão inseridos.

A MEMÓRIA NA GAZETA

“‘Quem sabe faz a hora’: a marcha e o resultado da audiência”. O título é uma das matérias publicadas na segunda Gazeta da Ocupação. “Quem sabe faz a hora” é o refrão da música “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores”, de Geraldo Vandré. A canção tocada no Festival de Música Popular Brasileira de 1968 ficou conhecida como uma resistência ao regime militar. (NASIF, 2010, p. 2)

A Gazeta da ocupação ao trazer esse trecho da canção estabelece relações entre os acontecimentos presentes e a uma determinada memória. Na Análise do Discurso entende-se que:

A memória discursiva ou interdiscurso (PÊCHEUX, 1975; COURTINE, 1982), é a que se constitui pelo esquecimento, na qual “fala uma voz sem nome” (COURTINE, op. cit). Aquela em que “algo fala antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, op. cit.), produzindo o efeito do já-dito. (ORLANDI, 2010, p. 4)

Orlandi (2007, p. 31) observa que a memória discursiva é o que “torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.”. “Quem sabe faz a hora” então evoca a memória a partir que já foi dito na época da ditadura, produzindo um sentido de oposição no contexto atual da ocupação.

Os ocupantes retomam esse momento político do Brasil caracterizado como “punição sobre os opositores políticos, estrutura de poder hipertrofiada pelo cimento do autoritarismo, tortura como um fato cotidiano na vida nacional.” (BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p. 53). Um período marcado pelo endurecimento e exclusão do direito do cidadão de participar, onde um sistema de repressão e controle vigorava por todo o país, inserindo-se no mesmo discurso para significar a luta deles contra a opressão da minoria. Já que o contexto social da luta travada contra a ditadura militar também passa pela questão da terra. Conforme Welch (2006, p. 62), “a ditadura não perdeu tempo em sua repressão ao movimento sindical dos trabalhadores rurais. Quase 80% dos sindicatos recém-formados tiveram seus registros cancelados.”. Segundo Medeiros



(1989), as Ligas Camponesas organização de camponeses formada pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1945, foram totalmente reprimidas durante a ditadura militar, além de terem seus principais líderes presos. Welch (1995) conceitua que as Ligas Camponesas foram um dos movimentos mais importantes em prol da melhoria das condições de vida no campo no Brasil. Questões diretamente ligadas à Reforma Agrária.

Desta forma, a memória é acionada para ressignificar um sentido já significado. A oposição contra a opressão é retomada pela memória da ditadura militar.

Retomando o trecho de Geraldo Vandré, “Quem sabe faz a hora não espera acontecer”, podemos pensar na seguinte questão: O que é fazer a hora para a Ocupação Amarelado?

Quando ocupamos a terra improdutiva, dia 16 de dezembro de 2013, sabíamos a denúncia que estávamos fazendo, de que as terras foram griladas da União, ou seja, do povo. Cabe agora aos órgãos públicos federais provarem que esta terra é nossa e pedirem reintegração de posse, para que sejamos assentados definitivamente em nossas terras. (Gazeta da Ocupação, 26 de fevereiro 2014, p. 4)

Aquela era a hora para os ocupantes. A denúncia veio às vésperas do fim do ano, quando a maioria dos órgãos públicos, em clima de festividade, postergam suas atividades para o próximo ano. O ano seguinte sendo o ano de eleições onde seriam eleitos o Presidente da República e em cada Estado o Governador, um Senador, Deputados Federais e Deputados Estaduais. O momento propício para reivindicações. Os olhares estavam voltados para o processo eleitoral. As campanhas políticas criam um clima de tensão e qualquer reação partidária resultaria nas urnas. Ainda que a ocupação fosse um grupo minoritário, o cenário estava favorável para que políticas públicas de moradias fossem colocadas em pauta. A hora era aquela para os Amarelados. O discurso de uma ocupação urbana reivindicando “terra, trabalho e teto” produziria então um gesto político.

REFERÊNCIAS

- INDURSKY, Freda. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso. In: *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- INDURSKY, Freda. Discursos de aliança com trabalhadores brasileiros diante dos processos eleitorais – 1914-1916. In: *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- INDURSKY, Freda. Lula Lá: *Estrutura e Acontecimento*. In: *Organon* 35. Volume 17, número 35, 2003.
- FLORES, Giovanna Gertrudes Benedetto. *Os Sentidos De Nação, Liberdade E Independência na Imprensa Brasileira (1821-1822) e A Fundação Do Discurso Jornalístico Brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- GUARESCHI, Pedrinho, BIZ, Osvaldo. *Mídia & Democracia*. Porto Alegre: Evangraf, 2009.
- KLEIN, E. J. da C. - Jornalismo alternativo: quando um modo de dizer e fazer é resistência. In: *XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação*, 2007, Pelotas/RS. Resumos e trabalhos completos Celacom 2007, 2007. v. 11. Endereço eletrônico: <http://encepcom.metodista.br/mediawiki/images/6/63/GT1-_05-_Jornalismo_alternativo-_Eloisa.pdf>.



- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). IN: ORLANDI, Eni Pucinelli (org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- MARIANI, Bethania. *Discurso e instituição: a imprensa*. IN: RUA - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Campinas: UNICAMP, n. 5, 1999. p. 47-61.
- MARIANI, Bethânia. Imprensa, produção de sentidos e ética. IN: *Mídia e Memória: a produção de sentidos no meio de comunicação*./organizadoras Ana Paula Goular Ribeiro, Lucia Maria Alves Ferreira. Rio de Janeiro. Mauad X, 2007.
- MARIANI, Bethânia. *O PCB e a Imprensa: O comunismo imaginário, práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- PAULINO, Rita de Cássia Romeiro e OLIVEIRA, Vivian Rodrigues de. A tecnologia como norteador das mudanças nos processos de produção jornalística do impresso ao tablets. In: *o 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013*. Anais. Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <http://www.ufop.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/a-tecnologia-como-norteador-das-mudancas-nos-processos-de-producao-jornalistica-do-impresso-ao-tabletes>. Acessado 06 set 2014.
- SANTOS, Pedro Lucas Oliveira dos. *Imprensa alternativa: discutindo o conceito*. Alterjor. ano 4, v. 2, n. 8, jul./dez/2013.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. V.2. Florianópolis: Insular, 2005.
- OLIVEIRA, Dennis de - *O jornalismo alternativo na contemporaneidade*. In Revista Alterjor; Ano 1, v. 1, n. 1. Jan./jun. 2010.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. 6. ed. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109.
- Welch, C.A., *Movimento sociais no campo até o golpe militar de 1964: a literatura sobre as lutas e resistências dos trabalhadores do campo do século XX*, Lutas e Resistências, 1, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/revista/ae/ae16/ae160-75.pdf>. Acessado: 06 outubro de 2014. _____ . *Realidades e Ilusões no Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis: Editora Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1979.
- _____. *História da Literatura Brasileira*; Tomo I. Rio de Janeiro: Editora Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001.
- _____. *Introdução a Doutrina contra Doutrina*. Org. Alberto Venâncio Torres. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1982.

Abstract: *The Amarildo de Souza Occupation began on the evening of December 16, 2013. Its uniqueness - the occupation was considered the first rural-urban invasion of Santa Catarina - aroused the mass media interest. This work proposes to reflect in how Amarildo de Souza Occupation was built by Diário Catarinense Newspaper and by Gazeta do Amarildo. The aim is to analyze discursively both newspapers to see how the meaning process of agrarian reform was made.*

Keywords: *Journalistic discourse; Amarildo de Souza Occupation; Agrarian reform.*